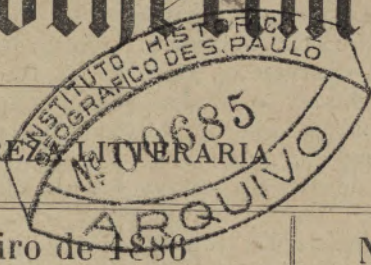


E10 P1
n.º 68

L. barreira

Jornal - Folhetim

PROPRIEDADE D'UMA EMPRESA LITUERARIA



ANNO I

S. Paulo, 23 de Janeiro de 1880

N. 3

Joanna não chorava. Levantou-se, rodeou a meza, sentou-se nos joelhos do pai e apertando-o nos braços, beijando-o, dizia :

—E era para me dar uma fortuna, para me enriquecer que o meu querido pai deixava-me só quasi todos os dias... E eu que me aborrecia, eu que julgava que o senhor sahia para jogar a sua partida de voltarete... Oh! querido pai, como fui ingrata !

—Cala-te, feia ! Cala-te, gritava o velho com voz tremula ! querem vêr que vou chorar ?

—Pois chore, que eu só me hei de calar depois que disser que o senhor é o melhor dos pais... Oh ! não lhe digo isso por causa desse dinheiro... Eu não preciso de nada... Que me importa o dinheiro ? O que eu quero junto a mim, como a maior das felicidades, é este pai que me ama tanto... Mas como me occultou os seus soffrimentos, as suas incertezas durante esse processo... Eu dar-me-hia por feliz de soffrer com o senhor... Mas o que estou aqui a palrar ? Não digo mais nada. Pai ! querido pai !

E abraçava-o, beijava-o na testa, nas faces. Zoé continuava a chorar, com a cabeça entre as mãos e os cotovellos sobre a meza.

—Ora ahí está, disse o capitão passado um instante, este dinheiro é teu. Eu tinha tenção de deposital-o hoje mesmo no banco ; mas por causa de um empregado que me fez demorar, o notario só me pôde fallar ás quatro horas e quando sahi de casa deste todos os bancos estavam fechados. Por um lado, até estimei, porque a surpresa que te dei foi mais completa, mais palpavel, de certo modo... Sentia até um prazer em mostrar-te isto... Mas este dinheiro estará mais seguro no banco. Amanhã de manhã vou pol-o lá. Produzirá bons juros. Será o teu dote.

—O meu dote ! exclamou Joanna, todo esse dinheiro para meu dote ? E com que viverá o senhor quando eu me casar ?

—Com a minha pensão. Foi com ella que temos vivido até hoje.

—Não, não, quero que papai seja rico, sempre rico. Ficamos com essa quantia para nós ambos e eu nunca me casarei.

—Está bom, replicou o capitão, fallaremos mais tarde a este respeito. Por enquanto, deixaremos esta casa e iremos morar nessa encantadora Cidade-das-flôres, de que gostas tanto.

—Ah ! que felicidade ! exclamou Joanna ; Ninina vai viver connosco ?

Então estes tres entes, que tão ternamente se amavam, começaram a forjar mil projectos de ventura. Joanna tinha vontade de comprar Paris para dal-a a seu pai e á sua amiga.

Emfim, bateram dez horas.

A creada, que nessa noute contra o seu costume ficára, foi chamar um carro e Zoé Lacassade, despedindo-se dos seus amigos, prometteu vir vêl-os no dia seguinte.

O capitão fechou todas as janellas e portas e subiu para o seu quarto acompanhado de Joanna.

Conversaram ainda por espaço de uma hora e divertiram-se, como creanças, a contar o dinheiro. Depois, Guérin metteu as notas na carteira e pol-a debaixo do travesseiro.

Depois de terem-se abraçado ternamente pela ultima vez o pai e a filha separaram-se.

No dia seguinte, Joanna Guérin levantou-se ás oito horas. Abriu a janella. Desejava dar os bons dias ao pai, que ja devia estar no jardim segundo o costume.

Mas não o viu. Pensou que elle não descêra, atravessou a sala e entrou no quarto do velho soldado.

De repente, recuou atterrada e deu um grito horrivel.

V

A creada, que vinha entrando, ouviu o grito de Joanna Guérin e subiu a escada como um raio.

A moça, no patamar, gritava :

—Um medico !... depressa... um medico...
Vá... vá... depressa... meu pai morreu !...

A creada desceu logo. Joanna, forte apesar dos seus dezeseite annos, voltou ao quarto e tentava soccorrer o velho.

O corpo de Guérin estava inanimado, já frio.

Os olhos esgazeados tinham reflexos vitreos. Pelos labios entreabertos não sahia o minimo sopro ; o coração já não batia. Mas Joanna não podia acreditar que seu pai tivesse morrido ; que aquelle que a deixára na vespera á noute tão bem disposto, tão alegre, não fosse mais do que um cadaver.

A desgraçada menina conheceu dali a pouco toda a extensão da sua desgraça. O medico, depois de pequeno exame, disse que o capitão morrerá algumas horas.

—E' impossivel, é impossivel ! gritava Joanna. Salve-o, sr. dr., é preciso salvar-o... Eu quero que o sr. o salve, supplico-lhe...

E puxava o medico, como querendo obrigalo a examinar mais uma vez o velho.

O medico obedecia, examinava, apalpava o coração, consultava o pulso de Guérin, olhava-o com attenção, mas unicamente para contentar a essa creança supplicante e desesperada.

Depois, ergueu-se. O seu olhar, a sua attitude parecia dizerem «Não me enganei... Animo, pobre menina.»

Joanna, de repente, segurou-lhe os braços e olhando-o fixamente :

—Se elle está morto, exclamou, de que morreu ?

—De uma apoplexia fulminante... de uma congestão, balbuciou o doutor obrigado a dizer alguma cousa.

Ella cahiu de joelhos junto do leito, com os olhos fitos no pai e as mãos postas.

Não fallava, nem um som sahia-lhe da garganta. Apenas lhe restava o sentido da vista.

Olhava-o com anciedade, febril e loucamente.

Era a imagem da desesperação.

O medico, sempre de pé, commovido por essa dôr profunda, olhava tambem para o morto com mais attenção. Parecia que certos signaes particulares, até então despercebidos, acabavam de apparecer e que uma idéa subita atravessára o espirito do doutor com um raio de luz.

Passado algum tempo, elle voltou se. A creada estava á porta do quarto, não se atre-

vendo a entra. O medico chamou-a, disse-lhe algumas palavras ao ouvido. Ella desceu precipitadamente a escada, atravessou o jardim, abriu a porta que dava para o boulevard e sahiu.

O medico voltou para junto do leito e continuou a examinar. Joanna não vira cousa alguma ; conservava-se prostrada, muda, imovel.

Passou-se um quarto de hora neste silencio e nesta prostração. O homem da sciencia sempre attento. A moça sempre aniquilada.

De repente, ouviram-se muitas vozes : gente acabava de entrar.

Era o commissario de policia do quarteirão, acompanhado do secretario e de um agente.

Por ordem do doutor fôra chamado pela creada, prevenido que a sua presença era indispensavel no boulevard Bessiéres e o magistrado sahira logo do seu escriptorio da rua Berzélius.

O doutor, vendo-o, foi até á porta e disse-lhe em voz baixa :

—O dever impôz que mandasse chamar a v. exc., sr. commissario. Commetteu-se esta noute um crime aqui. O homem que alli está naquella cama foi estrangulado.

—Tem certeza do que está dizendo, doutor ? perguntou o commissario, reprimindo um involuntario movimento de surpresa e d'instinctivo terror.

—Absolutamente cerio. Estudei com o dr. Tardieu, o medico-legista, todas as questões de estrangulação e acabo de descobrir na face, no pescoço e no peito da victima, signaes que não enganam... V. exc. vendo, dirá o mesmo.

—E quem é esta menina que está ajoelhada ao pé da cama ? perguntou o commissario.

—E' hoje a primeira vez que aqui venho, respondeu o medico, mas supponho com fundamento que é a filha do infeliz.

—A filha de Guérin, não ? Eu conheci o pai. Nestes ultimos tempos ia muitas vezes ao meu escriptorio fazer reconhecer a sua firma. Era um antigo capitão d'infanteria de marinha... Um homem de bem ás direitas... Mas não podemos proceder ao exame deante desta menina... Devemos tiral-a d'aqui...

—Ha de ser difficil. Veja como está.

—Todavia...

—Vou tentar.

—O doutor entrou, aproximou-se de Joanna e levantou-a por baixo dos braços.

Joanna deixou-se levar. Parecia não ter

vontade. O corpo inerte da moça obedecia ao impulso mas os seus olhos fitavam-se constantemente no cadaver.

O medico fel-a sentar n'uma cadeira e disse á creada que se conservasse ao pé da moça.

Depois, entrou no quarto com o commissario e o secretario. Quanto ao agente, descêra e fôra postar-se á porta do jardim para impedir que os curiosos, já muito numerosos, entrassem.

O medico approximou-se do leito.

—Veja, dizia elle tocando o cadaver quando a demonstração o exigia, a face está tumefacta, côr de violeta. Sangue expumoso sahe pelas narinas. A lingua está proeminente e fixa, atraz dos dentes... Mas eis o signal mais evidente, o que nunca engana—estes pontinhos vermelhos que se notam no rosto e na conjunctiva dos olhos... Está vendo?

—Perfeitamente, respondeu o magistrado. Mas como não estudei a questão, os signaes que v. s. me aponta, não me convencem ainda... Como explica que um homem robusto, como era Guérin, fosse estrangulado sem se defender?

—Defendeu-se, replicou o doutor, tentou ao menos. Surprehendido bruscamente no seu somno, já meio suffocado, preso o pescoço como n'um torno, tentou firmar os pés... Attesta-o o desarranjo da roupa... Ao mesmo tempo, os braços agitavam-se no ar... Consumia-se em esforços impotentes para agarrar o assassino, que não podia vêr, porque o miseravel estava alli, na cabeceira da cama, de joelhos, por detraz dos varões de ferro, concentrando todas as suas forças nas mãos.

—Ah! disse o commissario, na sua opinião o assassino só se serviu das mãos?

—Com certeza. Ignora que este meio é o mais commum? Bastam as duas mãos e ás vezes uma só... Em 1857, uma mulher de nome Pétrement foi estrangulada em seu armazem tão facilmente, tão depressa, que o seu marido, que se achava apenas separado della por um biombo, não ouviu cousa alguma... No mesmo anno, a condessa de Caumont-Laforce foi assassinada nas mesmas condições.

—Falla de duas mulheres, replicou o commissario.

—Bem. Mas os assassinos eram de força commum e o que entrou aqui, parece-me, dispunha de uma força excepcional... Ha homens, aparentemente debeis, que têm nas mãos um poder muscular ou nervoso irresistível.

V. exc. não imagina como uma pressão exercida no pescoço e destinada a oppôr a passagem do ar pelo larynge e pela trachea produz immediatamente a morte!

—Mas, observou o magistrado que já se defendia com menos calor, admittindo tudo isso, deviamos então vêr os vestigios dos dedos e das unhas dos assassinos.

—Aqui estão... Veja... Esses vestigios quando cheguei estavam vermelhos... Veja... Agora estão azulados, em consequencia do resfriamento do corpo.

—E' verdade.

—E note: estas escoriações, estes ecchymoses que se descobrem de cada lado do larynge, debaixo do queixo, na base do pescoço... são as marcas dos dedos do assassino. E só lhe fallo das manifestações exteriores, que saltam aos olhos. Bem depressa o dr. Tardieu, meu collega e meu mestre, examinará o coração, os pulmões e o cerebro deste cadaver e descobrirá outros signaes internos inegaveis... Ah! continuou o doutor exaltando-se, onde quer que passe o assassino deixa rasto... Póde enganar os homens mas não engana a sciencia... A sciencia mostra-lhe com a ponta do dedo ou com o escalpello, a ferida que fez, o traço que deixou, a desordem que causou e quando o miseravel julga-se impune, a sciencia entrega-o á justiça e vinga a sua victima.

Emquanto fallava assim, deante do cadaver do capitão Guérin, Joanna acabava d'apparecer no limiar da porta e com os cabellos desgrehnados, o olhar febril, soberba de mocidade e de desespero, escutava.

VI

O commissario concordava já com o doutor. Mas os signaes designados pelo homem da sciencia não podiam levar a convicção ao espirito do homem da lei. Este, escutando o seu interlocutor e estudando com elle o cadaver, olhava para todos os cantos do quarto para descobrir alguma prova material da passagem do assassino.

Perguntava a que paixão obedeceria o criminoso? Seria alguma vingança? Era inadmissivel. Que inimigo podia ter este velho soldado inoffensivo, retirado da sociedade, dedicado unicamente a sua filha?

Seria para roubar? Tambem não. Estas paredes tão esboracadas, uma mobilia tão pobre...

ARQUIVO
Nº 00885

Mas era necessario esclarecer estes dous pontos e o commissario cuidava em ir á sala interrogar Joanna Guérin, quando esta appareceu de chofre, como dissemos, no limiar da porta.

Ella estava encostada ao batente e tinha na mão um lenço que levava de instante a instante á bocca, mordendo-o nervosamente. O sangue affluia-lhe ao rosto e algumas lagrimas corriam-lhe pelas faces. Evidentemente voltára a si. Tinha sciencia das cousas, uma percepção mais nitida do que se passava. A desgraça apparecia-lhe com toda a precisão, mais terrivel ainda.

Comprehendeu o commissario que se se dirigisse directamente a essa moça no estado em que se achava, podia provocar alguma crise nervosa e perder-se tempo. Fingindo não dar pela presença de Joanna Guérin e fallando ao doutor, expôz-lhe em alta voz os pensamentos e as duvidas que acabava de conceber. O magistrado contava que a moça, ouvindo, em um momento dado, como por um instincto, daria um grito, faria um gesto, diria uma palavra em proveito da justiça.

Principiou pois por declarar ao medico que era da mesma opinião. Sim, havia crime; evidentemente havia sido praticado um crime alli.

Joanna estremeceu, rasgou o lenço com os dentes, mas nada disse.

Então o magistrado fallou da existencia que levava o capitão Guérin, de seus habitos regulares, da sua honestidade, da sua bondade e concluiu affirmando que achava impossivel que tal homem tivesse um só inimigo.

As lagrimas de Joanna correram mais rapidas quando ouviu elogiar o pai. Meneava a cabeça como que affirmando tambem: «Sim, sim, era bom de mais para angariar inimigos.»

—Quanto a suppôr-se, continuou o commissario dirigindo-se sempre ao doutor, que o assassino foi levado pelo roubo não é cousa admissivel... Ninguem ignorava que o sr. Guérin vivia apenas da sua pensão... Sobre tudo em Paris onde ha tantos palacios cheios de riquezas não posso acreditar que alguem arriscasse a cabeça para vir a uma casa como esta commetter um crime.

Assim que ouviu estas palavras, Joanna levou vivamente a mão á fronte como se o pensamento, havia tempo extinto, lhe despertasse agora. Ao mesmo tempo, tirava o lenço da bocca e parecia fazer esforços para fallar.

Mas apenas lhe sahiram da garganta sons inarticulados.

Então estendeu o braço e apontou para a cama á altura do travesseiro.

Parecia dizer « Olhem, olhem, procurem ! »

O commissario sem comprehender bem, seguiu este gesto.

Aproximou-se da cama, sacudiu a roupa, levantou um travesseiro.

Mas nada viu.

Voltou-se para Joanna :

—Comprehendi, minha senhora ? perguntou ; era isto mesmo ?

Ella fez um esforço violento e conseguiu dizer estas palavras :

—Sim... sim... dinheiro... carteira... desapareceu... morto... morto... ladrão... assassino...

Não pôde continuar. Suffocavam-n'a os soluços. Declarára-se a crise prevista.

Mas um ponto importante acabava de se esclarecer : houvera um roubo, já não se podia duvidar. O testemunho dessa infeliz creança tinha uma força irresistivel. As cousas tomavam, pois, uma nova face : desapareciam as primeiras supposições de morte natural, de suffocação ou mesmo de suicidio.

Havia um crime, ainda mysterioso, mas um crime acompanhado de roubo, como a maior parte dos crimes.

O commissario respirou mais livremente e enquanto o doutor transportava Joanna para a sala e lhe prestava os soccorros necessarios, chamou o secretario e ditou-lhe o seguinte telegramma :

«Prefeito de policia. Assassinato boulevard Bessières, Batignolles. Mandar immediatamente agentes de policia.»

O secretario confiou o telegramma a um dos policias que acabavam de chegar. Depois, por ordem do commissario e por este ditada, escreveu a seguinte carta :

«Acabo de verificar um assassinato, commettido nas seguintes circumstancias summarias :—A victima, de sessenta annos de idade, mais ou menos, chamava-se Julio Guérin, e era um antigo capitão reformado da infantaria de marinha. Morava com sua filha em uma pequena casa isolada no boulevard Bessière, em Batignolles, em frente dos edificios do arsenal—excellente moralidade. Um medico que foi chamado, affirma que o capitão foi estrangulado quando dormia. Com effeito notam-se evidentes signaes disso. Parece, até

